

Prezado, Paulo Vinicius Baptista Silva.

Estamos enviando o artigo de pesquisa intitulado: “Por favor, amor, não pense que eu sou 171”: Uma análise da representação do pagode no Caderno Ilustrada, da Folha de S. Paulo, entre 1995 e 1997. O estudo fez um levantamento de como o jornal Folha de S. Paulo retratou o pagode romântico nestes três anos década de 1990 e como sua abordagem contribuiu para o imaginário hegemônico da sociedade brasileira que entende o pagode noventista como um estilo musical para pessoas sem estudo e de classes sociais menos abastadas.

Durante a pesquisa foi constatado diversos exemplos de racismo e classismo dos colonistas da Folha de S. Paulo sobre o samba e seus atores, principalmente sobre os sujeitos pertencentes ao pagode romântico e a produção artística periférica em geral, porém aqueles pertencentes ao samba considerado autêntico, legitimado pela história, também não saíram ilesos ao “racismo nosso de cada dia”.

O debate que o artigo propõe é de suma importância para os leitores da Revista da ABPN, coloca no centro o racismo adotado pelas mídias hegemônicas na década de 1990 além de trazer como contraponto uma discussão decolonial.

Karina de Sousa Trindade.